

O processo perceptivo e os significados urbanos em tempo de globalização

ELUIZA BORTOLOTTO GHIZZI

Os significados urbanos de Lucrecia D'Alessio Ferrara. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2000.

Enfrentar a complexidade engendrada nas nossas mega-cidades e em seus processos de mudança associados à globalização e às tecnologias que emergem na contemporaneidade implica desafios em vários níveis. “Re-ver” parece ser postura chave, no que se refere a teorias, paradigmas, metodologias, planos, projetos ... epistemologia. *Os significados urbanos*, de Lucrecia Ferrara, estabelece diálogo em todos esses campos, sob o foco da semiótica, notadamente do processo de construção da significação do urbano, diante das exigências da sua dinâmica e do seu modo de afetar nossa percepção.

Trata-se de uma pesquisa que, ao mesmo tempo em que processa dados, analisando e interpretando seus aspectos quantitativo e qualitativo, questiona e problematiza, abolindo qualquer versão mecânica da realidade, enfocando uma ciência de vínculo profundo com a experiência e generalizando a partir desta. Se de um lado, volta-se para uma cidade concreta – São Paulo e, mais detidamente, o rio Pinheiros e suas margens –, de outro, refere-se a todas as cidades de modo global. Nesse contexto, configura-se uma semiótica da imagem considerada não apenas nos seus aspectos mais abstratos, mas apropriada a uma realidade do urbano que se redefine sob a centralidade da imagem.

Assumindo um processo de real conhecimento, a pesquisa ultrapassa a mera dedução para observar e interpretar o cotidiano enquanto fenômeno, atentando para seus pontos de tensão e explorando significados possíveis. Essa é também a

postura indicada para a análise da imagem da cidade que, para além da sua dimensão meramente física e sem determinismos, alcança o cognitivo e interage com os repertórios individual e coletivo.

Na pesquisa localizada, a observação do objeto permite rever teorias e criar paradigmas adequados à investigação. Estabelecem-se categorias de análise que, embora abstratas, não levam a uma separação estanque dos dados. Na mesma medida em que permitem, por processos de observação e comparação, conhecer sob diversos ângulos, acabam por criar complementaridade e unidade, gerando uma perspectiva inusitada do objeto, visto que contempla sua diversidade.

Entender essa perspectiva da imagem urbana, essa unidade que cria identidade na diversidade, torna indispensável uma semiótica da imagem que investigue sua iconicidade e o modo de produção de conhecimento que estimula. Para além da visibilidade, a reflexão sobre a lógica da imagem revela dimensões polissensoriais, ligadas às relações com o passado e futuros possíveis. Na perspectiva do urbano, tem-se uma imagem que segue uma lógica associativa e relacional, evolui espontaneamente, sem determinações e alheia a projetos pré-determinados, exigindo, para conhecê-la, estratégias que busquem não seus fins, mas seus processos de transformação apenas possíveis.

Seguindo essa lógica, a reflexão sobre as imagens fotográficas que fazem parte da pesquisa enfrenta seus aspectos mais intrigantes e instigantes de um sentido que está além do visível, não como algo definido que se esconde, mas como a possibilidade de algo. Na experiência perceptiva com a imagem sensível, exige-se associar para inferir ou criar inteligibilidade. Constata-se que as imagens da cidade reveladas pela pesquisa diferem da imagem comum da cidade globalizada. Enquanto esta tende a fixar uma imagem única e sem conflitos, o processo de conhecimento da cidade real revela imagens múltiplas e díspares. Essa dualidade, todavia, entre o local e o global, é intrínseca e central no estudo das dimensões culturais da globalização.

Na transformação da cidade industrial diante da globalização, insere-se o fenômeno da multidão, também revisto por Ferrara e associado ao processo perceptivo da cidade e à construção da sua imagem. A multidão – que era uma espécie de extensão de cada indivíduo em íntima relação perceptiva com a cidade, nas suas caminhadas e encontros por ruas avenidas e *bulevares*, sentindo-a pelo tato, olfato, ruídos, que inspirou o *flanêur* de Benjamin – é reconfigurada na massa da sociedade contemporânea. Perde-se o indivíduo e, sobretudo, a produção de sentido correspondente à cidade montada na sua narrativa descompromissada, à qual sobrepõe-se aquela gerada pela informação como mercadoria, afeita à lógica utilitária dos meios de produção.

Nas imagens de São Paulo coletadas nos meios de comunicação de massa, observa-se uma trajetória de mudanças no modo como a imagem se manifesta. Oscilando momentos de ausência de identidade própria com outros de construção da identidade sob a lógica da cidade planejada, com objetivos definidos e espaços organizados, a cidade se rebela, e o crescimento fora de controle não se submete a modelos. A necessidade de se criar uma identidade para a cidade com a "*criação de uma aura na dimensão sógnica de um ícone*" (p. 90), caracteriza uma mudança no processo perceptivo da realidade da cidade. Afastamo-nos da experiência polissensorial vivida na proximidade do objeto, sentindo-o pelo tato, olfato ... e tendemos a adotar uma percepção arbitrária e distante pela imagem. Esta, todavia, tem características que carregam potencialmente a inteligibilidade do urbano.

Convivemos com uma cidade virtual, expandida pela televisão e dominada pela visibilidade. A construção da sua imagem é não linear, fragmentada em um emaranhado de situações diversas, direta ou indiretamente ligadas à cidade, sem grandes argumentações, todavia, insistente. Sob seu impacto, a identificação da nossa cidade com tantas outras a torna globalizada e, nesse contexto, "*somos globalizados e nos globalizamos*" (p. 93). O ver tecnologicamente a cidade requer, para apreensão da sua complexidade, uma espécie de expansão tecnológica dos sentidos, "*exige outra experiência sensível e, sobretudo, visível*" (p. 93).

Essa imagem, de forma alguma inocente, mas plena de intenções e prenhe de ações, construída alheia ao cotidiano e potencialmente alienante, não pode fugir, sob a perspectiva da lógica da linguagem, da complexidade da geração de sentido que constitui a vida de todos os dias e as mais diversas experiências dos indivíduos e da coletividade. No contexto da vida, aquela imagem entra em processo, não domina, pelo contrário, relaciona-se, mediada pelo processo de conhecimento. A imagem global e a local não se sobrepõem, coexistem. Flexibilizam-se "*tecnosfera*" e "*psicosfera*". E na medida em que todos os lugares são atingidos, temos tanto conseqüências para as "*escalas de valores, crenças e comportamento*" (p. 95) quanto para a imagem da cidade virtual que se torna "*múltipla e descompassada*" (p. 96), em uma cultura que não se deixa dividir, mas contempla as diferenças, incluindo a todos, ainda que de diversos modos.

A imagem da cidade virtual, tomada no processo de construção de sentido, não é mero corpo físico; ao contrário, caracteriza-se pela continuidade entre a camada visual e o sentido, entre imagem e imaginário. Essa unidade é analisada pela autora e está na base das relações que se estabelecem no processo de significação do urbano e que transparecem na dimensão pragmática do uso, tomado aqui como etapa do processo cognitivo.

O campo do imaginário é o da transgressão do hábito, da revolução dos repertórios, onde não se concebe qualquer significado rigidamente codificado, mas um campo de construção dos sentidos por uma espécie de jogo criativo. Aberto aos estímulos da imagem e sem prender-se aos seus apelos habituais e dirigidos ao coletivo, desencadeia a reflexão individual e criativa. Enquanto a imagem da cidade é predominantemente visual e icônica, que objetiva fixar um sentido que deve ser conhecido e reconhecido, o imaginário tende a produzir sentidos inusitados, que interagem com a história urbana em um diálogo que acaba por reconfigurar a própria imagem da cidade.

O imaginário está também na base da identificação e apropriação da cidade pela caracterização dos seus espaços sociais, lugares ao mesmo tempo, do cotidiano e da leitura do urbano. A leitura a que se refere Ferrara se insere na dinâmica desse urbano, seguindo também ela a lógica da montagem a partir da unidade imagem/imaginário, que a afasta tanto do perigo da arbitrariedade quanto do equívoco da mera revelação de significados pré-fixados.

Em estudo da cidade de São Paulo na história, constata-se um diálogo também na construção da memória e na relação dessa memória com a apropriação da cidade. Na escritura de Ferrara, o processo de transformação não se dá alheio à construção da memória, do diálogo entre o que permanece e o que muda, o ontem e o hoje, lembranças locais e globalização. A memória, condição para reflexão do tempo e suas marcas, é também capaz de recuperar a polissensorialidade da imagem pelas relações que estabelece.

Sem perder de vista o papel da arquitetura enquanto linguagem na construção e percepção da imagem da cidade, Ferrara destaca o impacto que as notáveis transformações tecnológicas trazem para o processo de criação das possibilidades de intervenção urbana, entre elas, a simulação dessas intervenções, propondo refletir sobre sua ética. A intervenção afeta do espaço físico ao social e cultural e, enquanto "*elemento de resignificação da cidade*" (p. 158), intervém na cultura. Repensar o projeto e, portanto, as possibilidades disponibilizadas para a criação das intervenções, pode estreitar os compromissos da arquitetura com o urbano.

De um ponto de vista mais amplo, a autora problematiza o próprio conhecimento em si e suas relações com as noções de moderno e modernidade, associadas à globalização, às tecnologias e à imagem virtual. A percepção desse mundo dinâmico e indeterminado requer o abandono das estruturas racionalistas, dicotômicas, positivistas e antropocêntricas de conhecimento, requer reconhecer a unidade sujeito/objeto e a indeterminação intrínseca a qualquer conhecimento. A complexidade e imprecisão do universo permeiam a complexidade e imprecisão

das nossas formas de conhecimento e colocam a unidade sujeito/objeto em co-evolução.

Para a compreensão dessa mudança de postura epistemológica, destaca-se a importância da centralidade da imagem na cultura contemporânea e suas características cognitivas, bem como outros avanços científicos, como os da física e da química, notadamente os estudos da entropia. Essa outra postura epistemológica a autora relaciona com uma superação do modernismo pela modernidade e apresenta como uma nova racionalidade.

Ferrara coloca em questão as idéias de decadência e renovação urbanas. A concepção de cidade em crise passa por uma "re-visão" da autora, que propõe colocá-la sob uma outra perspectiva: como característica estrutural da cidade, vista na sua complexidade e em evolução. A crise, sob esse ponto de vista, é o conflito necessário ao crescimento e à vida da cidade, parte natural do processo de metropolização, que se opõe a modelos rígidos definidos no passado. A cidade se reconfigura e requer ser ressignificada. Nesse processo, sofre conseqüências, concretizadas nos impactos ambientais ou mudanças drásticas nos seus espaços. Decorrem "espaços residuais" (p. 179), que degradam a visibilidade e desafiam projeto e intervenções.

Dentro das estratégias de requalificação, a autora reflete sobre a renovação e o redesenho. Enquanto a primeira atende à idéia de recuperar qualidades supostamente perdidas ou a adoção de padrões descontextualizados, a segunda enfrenta a realidade orgânica da cidade, procurando compreender seus descompassos como etapas não lineares de sua mudança, bem como seus nexos. Qualquer intervenção que adote essa segunda perspectiva deve, para a autora, enfrentar o desafio da "radical experimentação" (p.184).

Nessa trajetória, Ferrara trabalha com dados coletados em pesquisa e seus artigos dialogam com diversos autores, construindo na sua escritura uma espécie de polifonia que, na independência de suas "vozes", constitui uma obra cuja unidade é peculiar, porque múltipla e, por isso mesmo, rica, notadamente para os estudos da arquitetura, da cidade, do urbano, da semiótica da imagem e da semiótica em geral, da nossa cultura globalizada e dos processos de transformação, percepção, conhecimento...

ELUIZA BORTOLOTTI GHIZZI é arquiteta, professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e doutoranda no PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.
ghizzi@non.ufms.br